

## RITA LEE *VERSUS* A CENSURA DITATORIAL: A RAINHA DO ROCK E O CENÁRIO ARTÍSTICO NACIONAL

### RITA LEE *VERSUS* THE DICTATORIAL CENSORSHIP: THE QUEEN OF ROCK AND THE ARTISTIC NATIONAL SCENE

Gisele da Silva Souza<sup>1</sup>  
Ana Luiza Rios Martins<sup>2</sup>

**Resumo:** Rita Lee foi uma artista que surgiu no Brasil na ditadura militar, destacando-se como compositora, instrumentista, cantora e escritora. Foi uma das cantoras que mais vendeu discos aqui antes, durante e depois do Regime. Apesar de sua popularidade, foi alvo da censura, especialmente nos “Anos de Chumbo”. Segundo os censores, suas letras não estavam de acordo com a moral da época. A artista, tanto em suas letras como em sua carreira, mostra-nos uma mulher em conflito com a normatividade de seu tempo, em busca de seu espaço. Mesmo com a abertura política, Rita continuou tendo suas letras censuradas e a justificativa continuava sendo a mesma. Buscando o porquê dessa perseguição, que para nós soa como extemporânea, realizamos uma pesquisa cujos resultados aqui cristalizamos. O trabalho se propõe a apresentar a trajetória de Rita Lee durante o período ditatorial, tendo como recorte seus problemas com a censura. Para fundamentar nossas considerações, baseamos-nos em estudos como os de Lima (2020), Gohl (2014) e Paranhos (2019). Concluimos esta análise de cunho bibliográfico afirmando que Rita Lee de Carvalho, apesar de não estar mais entre nós fisicamente, está factualmente: sua influência estende-se até os dias presentes, quando é cultuada como um ícone, uma vanguardista.

**Palavras-chave:** Ditadura Civil-Militar no Brasil; *Rock* Nacional; Censura; Rita Lee.

**Abstract:** Rita Lee was an artist who emerged in Brazil in the military dictatorship, standing out as a composer, instrumentalist, singer and writer. She was one of the singers who sold the most records here before, during and after the Regime. Despite her popularity, she was the target of censorship, especially during the “Years of Lead”. According to the censors, her lyrics did not conform to the morals of the time. The artist, both in her lyrics and in her career, shows us a woman in conflict with the normativity of her time, in search of her space. Even with the political openness, Rita continued to have her lyrics censored and the justification remained the same. Seeking the reason for this persecution, which to us seems untimely, we conducted a study whose results we crystallize here. The work proposes to present Rita Lee's trajectory during the dictatorship period, taking as a focus her problems with censorship. To support our considerations, we draw on studies such as those by Lima (2020), Gohl (2014) and Paranhos (2019). We conclude this bibliographic analysis by stating that Rita Lee de Carvalho, regardless of no longer being among us physically, is indeed here: her influence extends to the present day, when she is worshipped as an icon, as an avant-garde artist.

**Keywords:** Civil-Military Dictatorship in Brazil; National Rock; Censorship; Rita Lee.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional

<sup>1</sup> Doutoranda em História Social pela Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP), Bolsista do CNPq. Docente de História e Língua Portuguesa no Ensino Fundamental e no Ensino Médio no Governo do Estado de São Paulo. *E-mail:* giselesouza.prof@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Docente da Graduação em História na Universidade Aberta do Brasil/Universidade Estadual do Ceará (UAB/Uece) e nos cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu* em História do Brasil, da Universidade Estadual Vale do Acaraú/Instituto Dom José (UVA/IDJ) e Educação Patrimonial, do Instituto Pretos Novos – IPN-FGE/SP. *E-mail:* luiza.rios@uece.br.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente estudo procura lançar um olhar acerca da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) e sua relação com Rita Lee (1947-2023), que foi presa e censurada durante a repressão, tornando-se uma das artistas mais perseguidas do período (Lima, 2019). Em suas canções, encontram-se temáticas que não estavam de acordo com as questões morais da sociedade daquela época; canções nas quais a cantora trazia à luz assuntos e subjetividades notadamente femininos, quais sejam: sexualidade e liberdade das/para as mulheres, com críticas ao cotidiano que se lhes impunha à revelia; ciclo menstrual; e maternidade e maturidade, além de outros que refletiam o que ela e suas contemporâneas demandavam.

A relevância do que propomos mostrar aqui está na busca de entendimento do porquê de uma cantora que não escrevia acerca de assuntos que eram considerados subversivos pelos militares haver sido tão censurada. Além disso, faz-se necessário apresentar a importância de suas composições para a época, pois, artistas como ela, Leila Diniz e Gal Costa foram icônicas para a segunda onda feminista no Brasil, embora não tenham empunhado bandeiras.

Além disso, há a importância de se perceber tensões e rupturas ocorridas dentro da sociedade brasileira durante o período ditatorial no campo do *rock* nacional, ritmo em que a cantora esteve envolvida desde o início de sua carreira, que foi marginalizado tanto pelo governo quanto pela sociedade circundante e resultou – para ela e para os que pensavam e agiam como ela – em perseguição, prisão e censura de letras e performance de canções. Rita Lee e Raul Seixas foram dois grandes expoentes desse gênero musical no Brasil durante os anos mais rígidos do período e dois dos mais visados pela lente míope e persecutória dos censores.

Para melhor sistematizar este artigo, que é um recorte da pesquisa que estamos efetivando no Doutorado de História Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), o mesmo encontra-se organizado em três seções, a saber: na primeira, é detalhado o percurso metodológico, partindo-se da trajetória da artista supracitada; na segunda, tratamos da relação da cantora com a ditadura militar a partir das concepções de Lima (2020) Gohl (2014) e Paranhos (2019); e na terceira, são apresentadas as discussões a partir dos resultados obtidos até o presente momento de nossa pesquisa doutoral, advindos da análise da trajetória pessoal e profissional de Rita Lee e das composições que ela escreveu em relação aos arquivos obtidos no Arquivo Nacional.

## 1 PERCURSO METODOLÓGICO

Nossa intenção, com a escrita deste artigo, foi a de colaborar com a Academia, nascendo essa análise de um recorte da pesquisa do Doutorado em História Social que estamos a cursar desde 2023 na PUC-SP, com bolsa de estudos financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que aborda a trajetória artística de Rita Lee e estuda o impacto de seu protagonismo no cenário musical brasileiro, assim como as representações do feminino cristalizadas em sua obra.

Ela foi uma artista controversa e de diversas facetas – todas ou quase todas bastante incômodas do ponto de vista dos opressores. Foi – se podemos enumerar essas facetas –, a um só tempo: compositora, cantora, instrumentista, atriz, ativista da causa animal e escritora de livros infantis e de autobiografias. Bastante acoçada pelo Regime, presa em um momento pontual e censurada constantemente naquele período de amordaçamento artístico coletivo, teve, como a principal causa dessa obsessão da Lei sobre si, as suas letras, que desafiavam o conservadorismo que asfixiava o Brasil e a América Latina naquele momento doloroso da História Contemporânea.

Suas temáticas nelas eram inéditas e apresentavam à sociedade uma mulher com desejos e liberdades até então não concebidas como inerentes ao elemento feminino como o eram associados ao elemento masculino. Reforçamos aqui que Rita Lee, entre os anos 1960-1990, delineava em suas letras a vida insípida de mulheres que o Sistema queria que assim o fosse. Somado a isso, ela cantava também a mulher corajosa que o dito Sistema não queria ver prosperar em seu meio.

Com o motivo de apresentar, neste trabalho, sua imprescindível relevância como mulher insurgente em uma época de silenciamentos e apagamentos artísticos, baseamo-nos no que já foi publicado sobre ela e sua obra, atualizando o estado da arte, partindo de alguns descritores/palavras-chave que foram considerados basilares – tais como “Rita Lee e a Ditadura Civil-Militar Brasileira” e “Rock Nacional e Mulheres na Ditadura” –, lançados no Google Acadêmico, utilizando filtro temporal dos últimos dez anos. Assim fazendo, chegamos ao montante de dez trabalhos – entre artigos, publicações em anais de eventos, ensaios, monografias de conclusão de curso, dissertações e teses. Triado o material gerado com as buscas, descartamos os que não atendiam ao nosso propósito e guardamos parte dele para ser usado como estofamento teórico.

Este é, portanto, um estudo de abordagem qualitativa, de natureza básica e de objetivo exploratório, oriundo de um levantamento bibliográfico e documental.

## 2 MARCO TEÓRICO

### 2.1 Em breves linhas, Rita Lee e o início de sua carreira

Dentre as artistas brasileiras, há aquelas que permanecem dentro do cancionário nacional e do imaginário popular, como é o caso de Rita Lee, por muitas razões – algumas das quais, expomos neste artigo. Além de haver sido uma das cantoras mais prestigiadas do país, também foi compositora, instrumentista, atriz, ativista e escritora de livros infantis e de autobiografias, tal como citamos acima. Sua carreira foi marcada pelo sucesso – desde o início, nos anos 1960, até o fim, quando ela se deu por aposentada em 2012. Já longe dos palcos, seguiu sendo prestigiada por seus fãs e em diversas homenagens em programas de diversos formatos: no rádio, na televisão, no YouTube e na podosfera.

Sua morte, em 2023, não apagou sua obra; pelo contrário: intensificou a busca pelo conhecimento sobre ela por parte de uma juventude que ainda não a conhecia bem. Sendo assim, fazem-se necessários trabalhos de diversas áreas que tratem de sua trajetória como pessoa e como artista e de sua obra na forma de legado para que se possa conceber quão grande ela foi.

Tal como diversos artistas que emergiram dentro da ditadura civil-militar no Brasil, Rita Lee foi perseguida – e **MUITO!** Mas por que ela foi tão acossada se nem todas as suas canções eram do teor que a censura considerava subversivo? O que ela cantava ia, basicamente, contra o machismo, a subalternização de alguns coletivos e a não aceitação à subjugação silenciosa dos marginalizados aos maiores – mas esses eram os motes também que incontáveis artistas como ela utilizavam para cantar a “liberdade, ainda que tardia”. Por que, então, Rita Lee foi tão sumariamente importunada e prejudicada? Questões como essas trouxeram para nós a necessidade de pesquisar e escrever sobre ela. Além da admiração que temos por essa mulher icônica, essa inquietação para sabermos o porquê dessa obsessão que a censura tinha para com ela e seu estilo de vida e estilo musical – principalmente com o conteúdo de suas canções –, levou-nos a traçar abaixo algumas linhas sobre ela.

**Rita Lee Jones** (posteriormente, Rita Lee Jones de Carvalho) nasceu na cidade de São Paulo no ano de 1947. Filha de Romilda e Charles Jones, foi criada na capital, junto com suas duas “irmãs de sangue” – Mary e Virginia –, sua irmã adotada, Caru, e Balu, que era irmã adotiva de sua mãe. Estudou no Liceu Pasteur, onde formou sua primeira banda, as **Teenage Sisters** e, ao frequentar os festivais estudantis, conheceu os irmãos Baptista. Com eles, as garotas formaram os **Wooden Faces** e, depois, o grupo **O’Seis**. Com o findar deste grupo, Rita juntou-se aos irmãos Baptista e os três fundaram a banda **Os Mutantes**.

Esta última pretendia romper com o que estava acontecendo no cenário artístico da época, misturando instrumentos da música popular com a guitarra elétrica, fazendo uso de performances e de figurinos considerados extravagantes e irreverentes (fantasias e experimentalismos, como quando Rita vestiu-se de noiva para se apresentar no 3º Festival Internacional da Canção). Sobre o assunto, ela declarou, à época, que “[...] namora, mas não pensa em casamento”<sup>3</sup>, apresentando ali já alguns indícios de uma crítica comportamental às trajetórias femininas petreamente estabelecidas naqueles tempos – e que ela, Rita, não concordava com nenhuma.

Ela começou a namorar um dos irmãos Baptista, o Arnaldo, e casou-se com ele no fim dos anos 1960, separando-se alguns anos depois. Os Mutantes fizeram sua primeira gravação no álbum *Tropicália* (1968), quando receberam o convite da gravadora Philips para gravar seu primeiro disco. Após diversos discos gravados – sempre com excelente recepção por parte dos públicos ouvinte e crítico –, Rita foi retirada da banda de maneira inesperada, sob a justificativa de que os outros dois integrantes queriam seguir para o *rock* progressivo e ela não tinha capacidade técnica como instrumentista para continuar com eles nesse novo projeto. Rita não se deixou abater por esse rechaço e formou o **Cilibrinas do Éden**, em 1973, com Lúcia Turnbull, e depois o **Tutti-Frutti**, também no mesmo ano – grupo que foi um “divisor de águas” dentro da história do *rock* nacional.

Em um breve intervalo, ela passou a ter diversos problemas com o grupo Tutti-Frutti e, nesse ínterim, conheceu **Roberto de Carvalho**, que, com o tempo, tornou-se seu parceiro de vida e parceiro artístico. Ele é Bacharel em Direito e encarregou-se de cuidar da vida artística dela, descobrindo vários golpes financeiros aplicados pela empresária da banda – sendo esse um dos motivos que levaram Rita a romper com o Tutti-Frutti e iniciar sua carreira solo, que depois dar-se-ia com ele e assim permaneceriam, como um casal inspirado e inspirador, até a morte da cantora.

Como artista, Rita esteve atrelada ao movimento tropicalista, que trouxe uma nova roupagem para a música nacional ao misturar ritmos locais com estrangeiros, chocando a sociedade conservadora. Um dos objetivos do movimento era utilizar a experiência estética como um instrumento social revolucionário, visando promover mudanças políticas e sociais no Brasil. Rita Lee e o Tropicalismo também estiveram ligados à contracultura, que questionava a cultura dominante e buscava romper com o conservadorismo da época. Ela igualmente se associou aos *hippies* do final dos anos 1960 e início da década seguinte, e à questão da

---

<sup>3</sup> MAGALHÃES, J. Vaias, vaias até o fim. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 1968, p. 27.



emancipação feminina, mas sem se integrar ao feminismo incipiente que aportava em terras brasileiras – o que fez com que a repressão mantivesse seus radares voltados para ela, pois todos esses movimentos tinham como pauta as questões relacionadas a sexo, drogas e *rock and roll*:

A ditadura militar no Brasil pretendeu pôr fim às grandes movimentações sociais que ocorriam no território nacional, as chamadas “reformas de base”, que incluíam projetos de alfabetização em massa, reforma agrária e a politização de toda a sociedade através da mobilização de artistas, estudantes e intelectuais. (Pimentel, 2003, p. 8).

## 2.2 O Panorama cultural dos anos que testemunharam a ditadura civil-militar no Brasil

O *rock* surgiu nos Estados Unidos como um gênero musical contestatório, desafiador do que era socialmente aceito como correto, mas que não era entendido pelos jovens como ideal. As canções desse gênero musical iam contra determinados valores da sociedade do momento e se alinhavam com questões que a juventude queria contestar e inovar: a moda, o corpo, o sexo e o embate entre as gerações. A postura e o ser *hippie* também estavam de acordo com o que os mais jovens queriam para si e que diferia do que seus ancestrais haviam vivido até aquele momento.

Em boa parte do mundo ocidental, após a Primavera de Praga, em 1968, os jovens, até então não tão considerados no universo capitalista, revoltaram-se em ondas cada vez maiores de abrangência – o que envolveu o *rock*, a contracultura, a negação do capitalismo e a recusa a seguir pertencendo ao Sistema; não aceitavam mais servir às Forças Armadas (nos Estados Unidos e lutar na Guerra do Vietnã, por exemplo); almejava-se paz e amor – valores opostos ao que estavam vivenciando naquela Guerra Fria.

O Brasil viveu sob uma ditadura civil-militar que durou 21 anos (1964-1985) e que perseguiu, censurou e aniquilou aqueles que considerava seus opositores – principalmente após o Ato Institucional nº 5 (AI-5), instaurado em 1968, que abriu espaço para anos mais sombrios do Regime, os “anos de chumbo” –, gerando um assédio em massa a artistas e, conseqüente, a censura de suas obras. Os Atos Institucionais foram decretos que tiveram poder constitucional, utilizados para que os militares conseguissem legitimar seus governos (Napolitano, 2016). Ademais,

Os Atos eram fundamentais para a afirmação do caráter tutelar do Estado, estruturado a partir de um regime autoritário que não queria personalizar o exercício do poder político, sob o risco de perder o seu caráter propriamente militar. Para que o Exército pudesse exercer diretamente o mando político e manter alguma unidade, fundamental no processo que se acreditava em curso, era preciso rotinizar a autocracia e despersonalizar o poder. A autoridade do

presidente, figura fundamental neste projeto, deveria emanar da sua condição hierárquica dentro das Forças Armadas e de uma norma institucional que sustentasse a tutela sobre o sistema. (*ibidem*, p. 80).

O AI-5 trouxe mudanças muito sérias para o país, pois passou a proibir a garantia individual do *habeas corpus*, fechou o Congresso Nacional e autorizou o presidente a decretar estado de sítio por tempo indeterminado, cassar mandatos, intervir em estados e municípios, assim como iniciou também o período mais rigoroso da censura nos meios de comunicação de massa e na cultura em geral. Como se não já fosse o bastante, legitimou o uso da tortura desenfreada com aqueles que eram considerados subversivos pelo Sistema (*ibidem*, 2016). Essa realidade sangrenta não foi somente nossa, brasileira, mas esteve presente na América Latina naqueles idos e não por casualidade.

Aqui é importante reforçar que após a II Guerra Mundial, o mundo foi dividido em dois blocos econômicos na chamada “Guerra Fria” (que duraria de 1947 até 1991): o capitalista ou Bloco do Leste, capitaneado pelos Estados Unidos, e o socialista, encabeçado pela União Soviética. Os Estados Unidos, tendo em consideração as incontáveis riquezas nas Américas e testemunhando a aproximação cada vez maior dos soviéticos para com os latino-americanos, financiaram todas as assassinas ditaduras de cunho militar que entre nós se instalaram, o mais das vezes, após golpes de estado, fazendo-nos, enquanto latino-americanos, depender desse país que vem crescendo exponencialmente desde o início do século passado – em muito porque vem arrasando os países que mental e economicamente coloniza (como é o nosso caso, especificamente, e o de muitos da América Latina).

### **2.3 O feminismo no Brasil, a ditadura civil-militar e as contribuições de Rita Lee**

Mesmo com a situação circundante, os movimentos de juventude não passaram incólumes no país, pois aqui a juventude clamava pela liberdade e pela democracia plenas. O feminismo, que se encontrava em sua segunda onda, enfrentando diversos embates com os movimentos de esquerda, acabou sendo construído em diversas frentes e movimentos de mulheres que reivindicavam alguns direitos humanos fundamentais que iam dos trabalhistas aos sexuais, passando por questões educacionais e de igualdade de gênero. Crescendo, o movimento feminista chegou a ter repercussão através de mulheres que estavam atreladas à mídia, como Rita Lee, que – mesmo não sendo uma militante do feminismo, reiteramos –, trouxe, em suas canções e performances, os novos comportamentos e questionamentos do que se praticava na época:

Sob esse aspecto, é curioso como o feminismo, aglutinado à esquerda brasileira, ainda não encontrava espaço suficiente para ser discutido rumo à emancipação das mulheres. Contudo, algumas mulheres, por conta dos padrões que infringiram ou das ideias que preconizavam, ganhavam destaque nas mídias. Era o caso, por exemplo, da atriz Leila Diniz e das jovens cantoras Gal Costa e Rita Lee. Essas mulheres, com estilos diferentes, mas com os olhos no mesmo desejo de liberdade propuseram novos comportamentos ainda que não tenham advogado a causa feminista propriamente dita. (Gomes, 2022, p. 17).

A segunda onda feminista teve seu início nos Estados Unidos e Europa (em países como Inglaterra e França) nos anos 1950, quando houve a intensificação de estudos e teorias voltados para a condição social feminina, como a publicação dos livros *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, em 1949, e *A Mística Feminina*, de Betty Friedan, em 1963 – que versam sobre as condições de exploração das mulheres, tendo em pauta o sexo e as funções reprodutivas femininas. Essa onda teve seu início marcado por protestos nos Estados Unidos, entre os anos de 1968 e 1969, e foi abrindo espaço em outros países. Nas décadas seguintes, seguiram-se outras lutas por outros direitos.

No Brasil, “[...] o feminismo de segunda onda apresentou reivindicações para além das relativas aos direitos políticos, econômicos e educacionais”. (Pedro, 2012 p. 240). Aqui, por mais que tenha se inspirado nos movimentos de outros países, tivemos algumas particularidades, pois o Brasil vivia uma ditadura que reprimia a liberdade de expressão, assim como os ideais da esquerda, que aglutinavam os movimentos de mulheres e da militância feminista. A princípio, a questão do trabalho e os problemas da mulher trabalhadora tiveram prioridade sobre tantas outras pautas feministas da “segunda onda”. Porém, em pouco tempo, as demais reivindicações ganharam força, com destaque para os assuntos ligados à sexualidade e ao corpo, além da violência contra a mulher, que sempre foi aceita como “natural” (Pedro, 2012).

Com o aceleração do processo de urbanização do Brasil, houve o crescimento da presença feminina nos espaços públicos – nas universidades, nas fábricas, no comércio e nas manifestações – contra e pró-ditadura; movimentos por aberturas de creches, anistia política e “Diretas Já” –, o que contribuiu para uma maior abertura do movimento feminista no país em diversas frentes, seja dentro dos movimentos políticos, seja nas mídias, em programas como *Malu Mulher* e *TV Mulher*, veiculados pela Rede Globo durante os anos 1980 (Pedro, 2012).

As letras das canções e as performances da “Rainha do *Rock*”, como Rita Lee ficou conhecida, eram considerados desviantes, especialmente porque se referiam, amiudadas vezes, à vida sexualmente ativa que ela mantinha com Roberto de Carvalho, com quem se casou



oficialmente em 1996 (celebrando 20 anos de união), expondo seu corpo como território de seu prazer, sem tapumes nem tabus, sem pudores desnecessários – a seu ver.

Os novos comportamentos, vindos de tantos movimentos crescentes naquele momento, trouxeram para o proscênio da História uma mulher que passou a questionar uma maior autonomia sobre o gozo no sexo, o desfrute de seu corpo e de sua sexualidade, a opção pela virgindade e pelo aborto e a gerência de sua vida que, até então, eram temas decididos por homens e instituições como as religiosas e as governamentais – capitaneadas majoritariamente por homens, em outras palavras, por pessoas que não entendiam – nem entendem – das reais necessidades femininas.

O feminismo, no Brasil, foi penetrando na sociedade através de mulheres que confrontavam o conservadorismo presente; muitas delas eram artistas que não tinham um discurso alinhado com o feminismo, mas que trouxeram as novas ideias defendidas por esse movimento em seus comportamentos e formas de expressão artística: “Não foram mulheres-bandeiras de discursos claros, não foram mulheres-discursos associadas a uma proposta, mas mulheres que se expuseram e ousaram experimentar. A arte como veículo de um fazer que se construía”. (Pimentel, 2003, p. 12).

Dentro dessa conjuntura, tinha-se a figura de Rita Lee, liderando suas iguais, que “[...] jogava com o múltiplo do cosmopolitismo e do lúdico como resposta aos valores conservadores” (Pimentel, 2003, p. 14), rompendo com o esperado de uma mulher de sua época, que precisava ser virgem para casar, que precisava dar prazer ao seu marido – ainda que não o recebesse em igual medida e que tivesse o direito ao prazer visto com desaprovação.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o avanço da ditadura civil-militar, principalmente depois do AI-5, Rita Lee passou a sofrer uma severa perseguição, com a censura ferrenha de muitas de suas canções, que tiveram que passar por modificações – algumas delas drásticas – para serem apresentadas ao público via gravadoras, rádios e programas de televisão. Foi assim que, segundo Lima (219) ela chegou a ter quase um disco inteiro censurado – a maioria das canções rechaçadas o foram sob a alegação de serem de duplo sentido e socialmente afrontosas.

Dentre as muitíssimas letras da artista que foram censuradas, tem-se *Lança Perfume*<sup>4</sup>, que foi vetada por causa da frase “me deixa de quatro no ato”. De acordo com o censor, tinha duplo

---

<sup>4</sup> Roberto de Carvalho; Rita Lee (Comp.). *Lança Perfume*. Álbum **Rita Lee**. Som Livre, 1980.

sentido, mas não havia comentários sobre o “lança perfume” em si, um entorpecente, que poderia ser o alvo da censura, mas não: somente se atentou para a “questão sexual” da letra. A canção foi vetada em sua primeira análise.

O Arquivo Nacional guarda as diversas canções que foram censuradas na época, tanto da artista aqui referida quanto as de outros artistas que foram veiculadas na época. Mas não apenas: novelas, filmes, livros e jornais tinham, obrigatoriamente, que passar pelos censores para que pudessem ser publicados e levados ao grande público – em sua grande maioria, modificados após análise. Isso quando não eram terminantemente proibidos e, até hoje, jamais foram ao ar.

Rita Lee foi, mau grado a ditadura, uma das cantoras mais bem sucedidas dos anos 1970s e 1980s, reinou absoluta no mundo do *rock*, ainda que não fosse benquista pelos militares. Foi sucesso garantido nas rádios e na vendagem de LPs. Parte desse êxito também se deu por seu pioneirismo em incursionar pelo universo roqueiro, essencialmente falocêntrico, e estar à frente de bandas de *rock* predominantemente masculinas, a exemplo de Os Mutantes e Tutti-Frutti, “[...] utilizando-se do riso como desafio aos poderes estabelecidos (Lima, 2019, p. 24)” – atitude desafiadora e temerária, que irritava não somente os militares, mas também parte da sociedade conservadora.

Sua maior indisposição com a ditadura veio quando ela foi depor sobre o assassinato ocorrido durante um show dos Mutantes. Rita foi procurada pela mãe do rapaz, que lhe perguntou se ela havia visto o momento da morte de seu filho, pois a polícia dizia que ele fora morto do lado de fora da casa de show, onde ele estaria fazendo tumulto para entrar, pois estava sem ingresso, mas ela sabia o quanto ele era fã do grupo e que tinha adquirido o ingresso com antecedência. Ao ser questionada, a artista relatou que o tiro aconteceu dentro do local e não do lado de fora. A mãe do jovem perguntou se ela poderia depor sobre o caso e Rita colaborou com essa mãe – como ela relata em sua autobiografia, de 2016:

Logo no primeiro fim de semana, na saída do teatro, uma senhora, dona Nair, toda de preto, chega perguntando se eu me lembrava de um show dos Mutantes em Itaquera, quando um rapaz morreu e interrompemos a apresentação. Sim, eu me lembrava.

“O rapaz em questão era meu filho, muito fã da senhora, tinha um álbum com fotos suas, foi um dos primeiros a comprar ingresso para aquele show. Preciso que a senhora me responda só uma pergunta: meu filho caiu morto dentro ou fora do salão? A senhora estava num lugar privilegiado e pôde ver, não?”

“Sim, o garoto caiu dentro do salão, perto da entrada.”

“O policial que o matou está solto, disse que meu filho estava criando caso e querendo entrar sem ingresso, que foi morto do lado de fora do salão. Esse policial passa todo dia em frente à minha casa dando risada. O processo ainda

está em andamento e amanhã haverá uma audiência com testemunhas dos dois lados. Se a senhora pudesse comparecer, eu ficaria eternamente grata.”  
Respondi que não saberia reconhecer o rosto do policial de onde estava, o que era verdade, só lembrava que o rapaz havia caído já dentro do salão.  
“Não é para fazer reconhecimento do rosto, apenas diga o que a senhora viu de lá de cima do palco, só isso.”  
Fiquei tocada com a história da mulher e topei. Dia seguinte, fui ao fórum e contei a mesma cena. (Lee, 2016, p. 151).

Após esse episódio, no ano de 1976, possivelmente em um movimento de represália, policiais foram até a sua casa de surpresa e supostamente “plantaram” (introduziram no ambiente de forma intencional) um pacote de maconha ali. Rita, que estava grávida de seu primeiro filho, Beto, estava sem fazer uso de drogas desde que descobrira a gravidez, como deixou claro em seu depoimento, assim como em entrevistas e em sua autobiografia – pois em suas gravidezes, ela evitou por completo as drogas que costumeira e consabidamente usava. Com isso, foi levada ao Departamento Estadual de Investigações Criminais (DEIC) e depois foi transferida para o Hipódromo Feminino, onde ficou presa. Por mais que a repressão a acusasse, ela se recusou a se declarar como viciada, como diversos artistas fizeram para se livrarem da prisão (Lima, 2019).

Ao saber do que estava acontecendo com Rita Lee, Elis Regina foi visitá-la; ao ver seu estado físico, com Rita apresentando sangramento e correndo risco de perder o bebê, Elis fez um escândalo, exigindo uma boa alimentação para a artista presa e a visita de um médico urgentemente. João Alfredo Rangel de Araújo (conhecido no mundo do entretenimento como João Araújo, o pai do cantor Cazuza), fundador e empresário da Som Livre, gravadora da artista na época, contratou os advogados João Carlos Dias e Antônio Carlos Medeiros para cuidar do caso (Lee, 2016).

Encarcerada, ela compôs a canção X 21, que foi censurada e jamais pôde ser gravada por ela. Sua letra denunciava a situação do presídio e da vida das presas que ela ali conheceu:

X 21  
Tudo foi programado  
pra ser muito natural  
a vítima virou um bandido  
e o herói está no comercial  
e me levam a conhecer o lado escuro da luz  
vi o sol nascer quadrado e lá dentro  
cada qual carregava uma cruz  
Foi então que me disseram  
não ligue não  
aqui é melhor ter calma  
e o passarinho não esquece seu canto  
mesmo dentro da gaiola  
Foi então que me disseram

não ligue não  
aqui somos todos iguais  
e Deus é apenas um  
vamos cantar e ficar livres  
dentro do X 21.  
(Lima, 2019, p. 49-50).

A letra original da canção encontra-se em poder de Norma Sueli Rosa Lima, professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e também presidente do fã clube da cantora. Quando a casa de infância de Rita foi vendida, essa letra estava no meio dos pertences que foram encontrados ali e oferecidos a Norma, que primeiro comunicou a Roberto de Carvalho sobre a questão e, com o aval dele, comprou-a de quem lhe ofereceu. A versão, que passou pela censura e foi desaprovada, ainda se encontra nos arquivos da ditadura e Rita preferiu deixá-la assim – no passado (Lima, 2019).

Na canção, que trata da ditadura militar, o eu lírico descreve a vivência dentro de um presídio, quando vítimas de um governo repressor se tornaram bandidas e estão presas por estarem contra o Regime estabelecido, enquanto os opressores aparecem na TV como se fossem os salvadores da nação. Dentro desse cotidiano asfixiante, o eu lírico encontra pessoas que lhe dão conselhos e lhe dizem para não perder seu canto, seu ardor pela vida. Rita, em sua estadia no presídio, cantava sua música para suas colegas de cela:

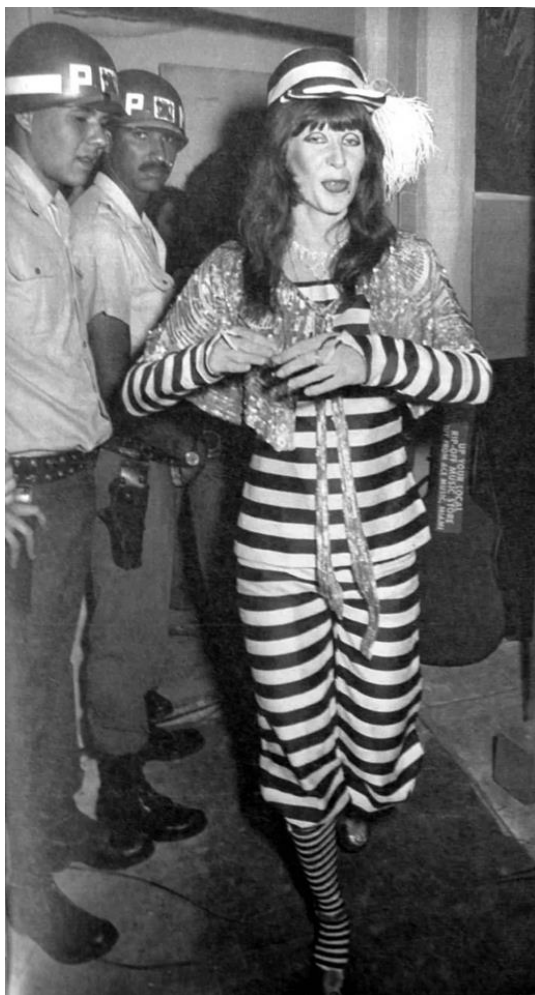
Como agradecer minhas colegas de cela por tanto colinho? Inspirada, escrevi ali mesmo letra e música de “X21”, baseada na história de cada uma delas. Dona Solange fez o tipo “não ouvi, não gostei e censurei” e a letra provavelmente ainda está lá no meio de outras tantas que receberam o carimbo “desacato aos valores da família”. Orgulho no currículo. (Lee, 2016, p.153).

Ao sair da cadeia, ela ficou em prisão domiciliar e só podia sair de casa entre as 7h e às 19h, sendo vigiada 24 horas por dia por policiais à sua porta. Para fazer shows, ela precisava fazer exames de sangue e apresentar ao juiz os resultados (Lima, 2019). Quando pôde voltar aos palcos, em setembro de 1976, em um show na Sociedade Esportiva Palmeiras, com seu jeito provocativo e debochado, vestiu-se de presidiária para afrontar o Sistema e denunciar os abusos de que fora vítima (*vide* Imagem 1 na próxima página).

Em 1978, houve a suspensão do AI-5, dentro do governo do general Ernesto Geisel. Seu sucessor foi João Figueiredo, o último presidente militar da ditadura. Sob sua gestão, os problemas econômicos, políticos e sociais brasileiros ficaram mais evidenciados. A oposição estava angariando cada vez mais votos contra o Regime, exigindo a anistia e a volta de quem se encontrava no exílio no exterior, aumentando seu poder na câmara. O país vivia uma situação sócio econômica caótica, com aumento desenfreado da inflação. Em 1979, o presidente

assinou o Projeto de Anistia e os exilados puderam, finalmente, retornar, tendo seus direitos e integridade física preservados. Contudo, dentro “[...] dessa conjuntura, Rita achou que a censura iria abrandar e suas letras não sofreriam mais cortes, mudanças ou proibições, mas ela continuou sendo alvo, fazendo-a desacreditar da abertura política”. (Mauro, 1983, p. 14).

**Imagem 1:** Rita Lee vestida de presidiária em sua turnê após a prisão



Fonte: *O Globo*, 2023.

Mesmo com a campanha das “Diretas Já”, que pedia eleições diretas para presidente, Rita teve parte de seu disco de 1983, intitulado **Bombom**, censurado, e das canções que foram autorizadas a serem gravadas, duas não poderiam ser veiculadas pelas mídias, como *Arrombou o Cofre*<sup>5</sup> (primeiro sendo intitulada como *Arrombou a Festa III*), e o álbum teria classificação para maiores de 18 anos, além de ser vendido lacrado (Lima, 2019):

<sup>5</sup> Roberto de Carvalho; Rita Lee (Comp.). *Arrombou o Cofre*. Álbum **Bombom**. Som Livre, 1983.



Oh! Oh! Brasil  
Quem te vê e quem te viu  
Pra frente, pra frente que até caiu  
Chega desse Nhém, Nhém, Nhém  
Bye Bye Brazil's vintém  
Moratória é a moral da história

Maluf se cala mas a Luftfalla  
Ivete dá bandeira que seu sonho é ser vedete  
Filoporquequilo Jânio é sempre o mesmo grilo  
Galã da várzea vai pro trono Andreazza

Governadores, Deputados, Vereadores  
Saqueando bancos e bancando defensores  
Ninguém se ilude mais que a comida está no fim  
Olhem só a pança do sinistro Delfim  
Tá cheia de cupim

Oh! Oh! Brasil  
Quem te vê e quem te viu  
Pra frente, pra frente que até caiu  
Chega dêsse Nhém, Nhém, Nhém  
Bye Bye Brazil's vintém  
Moratória é a moral da história

Beltrão é o mandão da nossa burrocracia  
Na moita Golbery fazendo muita bruxaria  
No breque de improviso Aureliano se embanana  
Nas eleições diretas o uniforme é à paisana

Que ótimo Juruna e o escandaloso Timóteo  
Na linha dura basta a Solange da censura  
Cabeças vão rolar que tal a gente apostar?  
Incêndio! Incêndio! Incêndio! Pegou fogo o berço esplêndido

(Roberto de Carvalho; Rita Lee, *Arrombou o Cofre*. Álbum **Bombom**. Som Livre, 1983.)

Como se pode perceber claramente, a canção apresenta provocações ao expor dizeres que remetem à ditadura, como a expressão em “Pra frente, pra frente”, que lembra a canção “Pra Frente Brasil”, veiculada na copa de 1970, citando nomes conhecidos que faziam parte do Sistema – como Paulo Maluf, Golbery do Couto e Silva e Delfim Netto –, além da citação de Solange Maria Chaves Teixeira Hernandes, uma das maiores censoras das artes no regime militar.

Segundo os censores afirmavam, a canção foi vetada por ter um contexto crítico que feria a honra das autoridades vigentes mencionadas por ela. A faixa da música referida até para a promoção do disco na imprensa vinha rabiscada para que não houvesse possibilidade alguma de ser veiculada. A canção passou por pedidos de reconsideração da gravadora e, mesmo mudando-se o título, continuou vetada.

A censura, nos moldes da ditadura, ficou em voga até 1988, sendo a última canção de Rita Lee censurada no ano de 1987. Apesar da censura e do cenário político contrário ao que ela acreditava e defendia, a Rainha do *Rock* cresceu como artista polifacética, reinventou-se, criou e conservou um estilo próprio, manteve-se com muito sucesso no mercado durante toda a sua longa carreira – especialmente quando passou a fazer dupla com Roberto de Carvalho – e desafiou a misoginia hegemônica do estilo musical que abraçou, tornando-se uma pioneira insuperável dentro dele.

Corajosamente, ela venceu incontáveis preconceitos ao quebrar o estereótipo do teor das músicas cantadas pelas mulheres até então e da forma que a mulher tinha que se comportar nos palcos e fora deles. Sua voz – ao mesmo tempo firme, suave e afinada –, somada aos arranjos musicais de Roberto de Carvalho, potencializa a mensagem impressa nas letras e atinge quem as ouve de maneira a que se possa identificar imediatamente Rita Lee e seu ineditismo por trás delas.

Sem se deixar intimidar pelo falocentrismo reinante no *rock* do momento em que ela surgiu como roqueira – e desde então até o final de sua carreira, quando decidiu passar os últimos anos de sua vida em um sítio com o marido, defendendo a causa animal, escrevendo livros infantis e autobiografias e enfrentando um câncer que a levou aos 75 anos de idade – Rita Lee Jones de Carvalho avançou décadas à frente de suas congêneres na arte da música.

A Rainha do *Rock* testemunhou a redemocratização do país; vivenciou a segunda, terceira e quarta ondas do movimento feminista; acompanhou as transformações em todos os âmbitos pelos quais vimos passando no Brasil e no mundo e foi se adaptando a todas elas como uma camaleoa – inclusive mudando o tom ruivo de seu cabelo e espelhando, por meio desse espectro de cores, as mudanças de fase em sua vida como mulher, até que, ao final, tornou-se uma senhora grisalha e, por último, sem cabelos. Nada a deteve. Ela sempre ultrapassou as barreiras que foram sendo erguidas em seu caminho, determinada e aguerrida como uma legítima capricorniana que era.

Rita Lee afirmou-se não apenas musicalmente, mas como pessoa, como mulher, influenciando a sua geração e as seguintes, chegando até nós e ultrapassando-nos. As mensagens atemporais e empoderadas de suas canções dão-nos a exata medida do quão grande ela foi e de que jamais será superada, uma vez que seu lugar na História se deve à sua potência, à sua biografia e ao seu legado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa desenvolvida para o presente artigo, foi percebido o quanto Rita Lee sofreu com a censura no período ditatorial brasileiro. Com a análise dos documentos, constatou-se que a perseguição da censura às suas composições esteve atrelada a questões da época e que a Rainha do *Rock* afrontou o desnudar, nas letras que concebia, os ideais de liberdade irrestrita, de amor livre, de plena vivência da sexualidade e das experiências com o corpo, além de representações femininas quanto ao ciclo menstrual e à maternidade.

A leveza com a qual ela vivia era incompatível com a dureza de uma ditadura sanguinária e persecutória como foi a que vivenciamos entre 1964 e 1985. Por isso também Rita Lee, que foi tão perseguida pela censura, utilizou-se do deboche como defesa e meio de expressão artística em suas letras e performances inigualáveis nos palcos.

Ao entrar na década de 1990, quando muitos artistas pararam de ser perseguidos, com o país sendo redemocratizado desde 1985, especialmente após a promulgação da Constituição Cidadã, em 1988, Rita continuou sendo censurada pelo seu uso que fazia do escárnio em suas letras, como em *Arrombou o Cofre*, apresentada neste trabalho. Conclui-se que esse era um traço de personalidade dela, não uma constante afronta à Lei, como se queria fazer crer.

Rita Lee foi, em suma, uma artista irreverente e uma referência para outras mulheres que se enxergaram e continuam a se enxergar em suas canções com cunho feminista e revolucionário.

Contudo, a cantora, por mais que fosse uma roqueira ousada e tivesse um discurso progressista com relação ao universo feminino, não militava pela causa feminista e tampouco trazia em suas composições elementos que poderiam ser considerados subversivos pelos militares. Isso nos leva a supor que a perseguição que a repressão praticou contra ela foi mais por causas pessoais do que por motivos profissionais. Tanto é verdade que essa obsessão continuou mesmo quando a censura já não vetava letras que falavam sobre política e sociedade, provando que Rita Lee era grande demais para passar incólume em meio à sociedade hipócrita que ela eternizou em suas letras.

“Atrás do meu sorriso  
existe tudo o que você nunca vai entender.  
Não critique o que você não entende.  
Você sabe meu nome,  
mas não minha história”.

(Rita Lee)

## REFERÊNCIAS

- ARAS, L. B.; PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.
- GOMES, V. de O. Rita Lee: o querer feminino no rock and roll brasileiro. 2022. 64 f. **Monografia** (Graduação em Jornalismo) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana, 2022.
- LEE, R. **Rita Lee: uma autobiografia**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2016.
- LIMA, N. **Ditadura no Brasil e censura nas canções de Rita Lee**. Curitiba: Appris, 2019.
- MAURO, A. Humor e deboche: a irreverência na MPB. **MPB Especial**, ano 5, n. 50, p. 4-15, 1985.
- PARANHOS, A. Música popular contra políticas sexuais hegemônicas: Brasil, década de 1970. **Contrapulso** – Revista Latino-americana de Estudos em Música Popular, v. 1, n. 1, p. 1-14, ago., 2019. Disponível em: <https://contrapulso.uahurtado.cl/index.php/cp/article/view/4>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- Parecer nº 0676/80 da Divisão de Censura e Diversões Públicas**. Serviço de Censura de Diversões Públicas do Estado do Guanabara. Rio de Janeiro: 12/06/1980. Disponível em: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR\\_DFANBSB\\_NS/CPR/MUI/LMU/00597/B\\_R\\_DFANBSB\\_NS\\_CPR\\_MUI\\_LMU\\_00597\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_NS/CPR/MUI/LMU/00597/B_R_DFANBSB_NS_CPR_MUI_LMU_00597_d0001de0001.pdf). Acesso em: 15 jul. 2024.
- Parecer nº 4919/83 da Divisão de Censura e Diversões Públicas**. Serviço de Censura de Diversões Públicas do Estado do Guanabara. Rio de Janeiro: 27/09/83. Disponível em: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR\\_DFANBSB\\_NS/CPR/MUI/LMU/19891/B\\_R\\_DFANBSB\\_NS\\_CPR\\_MUI\\_LMU\\_19891\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_NS/CPR/MUI/LMU/19891/B_R_DFANBSB_NS_CPR_MUI_LMU_19891_d0001de0001.pdf). Acesso em: 12 jul. 2024.
- PIMENTEL, G. C. de C. Mutações em Cena – Rita Lee e a resistência contracultural. **Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas, [S. l.]**, v. 11, n. 2, p. 7-20, 2009. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/sociais/article/view/2745>. Acesso em: 12 ago. 2024.